



A MEDIAÇÃO QUE PROMOVE A DESCONSTRUÇÃO DE DISCURSOS HOMOGÊNEOS E CRIA NOVOS ESPAÇOS DE APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM CONTOS DE AUTORIA FEMININA

Ellen Valotta Elias Borges
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
ellen.valota@unesp.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo estudar o processo de mediação como ferramenta de desconstrução das narrativas homogêneas no intuito de criar novos espaços de apropriação da informação por meio de textos literários. Será realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa por meio de uma análise comparativa do conto *I Love my husband*, de Nélide Piñón (2016) em conjunto com o curta-metragem *A mulher que eu era* (2019), dirigido por Karen Suzane. A análise dos textos terá como base a teoria dialógica de Bakhtin, ou seja, buscará compreender o processo de apropriação da informação como resultado de um processo intersubjetivo que acontece na relação com o outro e consigo mesmo. Desse modo, pretende-se compreender como a naturalização das relações se apresenta pelas personagens dos textos, fazendo um paralelo com as relações sociais construídas no cotidiano e representadas, muitas vezes, pelo silenciamento da mulher. Diante do exposto, cabe salientar que a mediação de leituras críticas de contos de autoria feminina é uma ação fundamental para a promoção do protagonismo social da mulher. Importante destacar que o protagonismo não se mantém se não houver uma mediação que promova o processo de desconstrução e reconstrução de informações que traga novas formas de compreender e se apropriar de informações ao longo do tempo. Compreende-se que é preciso romper com os discursos homogêneos para criar novos espaços de discussões e, assim, possibilitar novas formas de apropriação das informações que são tragadas sem reflexão, sem desconstrução e, portanto, acabam se materializando como simples reproduções de discursos antigos com uma nova roupagem para se adequar à época atual.

Palavras-Chave: Contos de autoria feminina; Apropriação de texto literário; Protagonismo social.

MEDIATION THAT PROMOTES THE DECONSTRUCTION OF HOMOGENEOUS DISCOURSES AND CREATES NEW SPACES FOR INFORMATION APPROPRIATION IN TALES BY FEMALE AUTHORS

Abstract: The present research aims to study the mediation process as a tool for deconstructing homogeneous narratives to create new spaces for information appropriation through literary texts. Exploratory research with a qualitative approach will be carried out through a comparative analysis of the short story *I Love my husband*, by Nélide Piñón (2016) in conjunction with the short film *A mulher que eu era* (2019), directed by Karen Suzane. The analysis of the texts will be based on Bakhtin's dialogic theory, that is, it will seek to understand the process of information appropriation as a result of an intersubjective process that takes place in the relationship with the other and with oneself. In this way, it is intended to understand how the naturalization of relationships is presented by the characters of the texts, making a

parallel with the social relationships built in everyday life and often represented by the silencing of women. In view of the above, it should be noted that the mediation of critical readings of female stories is a fundamental action for the promotion of women's social protagonism. It is important to highlight that there is no leading role if there is no mediation that promotes the process of deconstruction and reconstruction of information, which brings new ways of understanding and appropriating information over time. It is understood that it is necessary to break with homogeneous discourses to create new spaces for discussions and, thus, to enable new forms of information appropriation that are swallowed without reflection, without deconstruction and, therefore, end up materializing as simple reproductions of old discourses with a new outfit to suit the current era.

Keywords: Tales by female authors; Appropriation of literary text; Social protagonism.

LA MEDIACIÓN QUE PROMUEVE LA DESCONSTRUCCIÓN DE DISCURSOS HOMOGÉNEOS ADEMÁS DE CREAR NUEVOS ESPACIOS DE APROPIACIÓN DE LA INFORMACIÓN EN CUENTOS DE AUTORÍA FEMENINA

Resumen: El presente trabajo tiene como objeto estudiar el proceso de mediación como herramienta de deconstrucción de narrativas homogéneas con el fin de crear nuevos espacios de apropiación de información a través de textos literarios. Se llevará a cabo una investigación exploratoria con enfoque cualitativo a través de un análisis comparativo del cuento *I love my husband*, de Nélide Piñón (2016) en conjunto con el cortometraje *A mulher que eu era* (2019), dirigido por Karen Suzane. El análisis de los textos se basará en la teoría dialógica de Bakhtín, es decir, se buscará comprender el proceso de apropiación de la información como resultado de un proceso intersubjetivo que se da en la relación con el otro y consigo mismo. De esta forma, se busca comprender cómo la naturalización de las relaciones es presentada por los personajes de los textos, haciendo un paralelo con las relaciones sociales construidas en la vida cotidiana y muchas veces representadas por el silenciamiento de las mujeres. Basado en lo anterior, cabe señalar que la mediación de lecturas críticas de relatos femeninos es una acción fundamental para la promoción del protagonismo social de las mujeres. Hace falta señalar que el protagonismo no se mantiene si no existe una mediación que promueva el proceso de deconstrucción y reconstrucción de la información que traiga nuevas formas de comprensión y apropiación de la información a lo largo del tiempo. Se entiende que es necesario romper con discursos homogéneos para crear nuevos espacios de discusión y, así, habilitar nuevas formas de apropiación de la información que son tragadas sin reflexión, sin deconstrucción y, por lo tanto, terminan materializándose como sencillas reproducciones de viejos discursos con un nuevo atuendo para adaptarse a la era actual.

Palabras clave: Cuentos de autoría femenina; Apropiación de texto literario; Protagonismo social.

1 INTRODUÇÃO

Desde sempre, a mulher existe e resiste para continuar existindo como dona de si. Entretanto, ainda há um longo percurso a ser trilhado para que a mulher se estabeleça como dona de si nas produções literárias. Portanto, é essencial compreender que o termo literatura feminina não pode abarcar toda a complexidade que se encontra na literatura feita por mulheres. A própria literatura já possui uma complexidade inerente, conforme destacado por Wellek e Warren (2003, p.22) “[...] uma obra e arte literária não é um objeto simples, mas, antes, uma organização altamente complexa, de caráter estratificado, com múltiplos significados e relações”. A voz feminina precisa reconhecer

seu espaço num todo, dentro e fora de si. É por considerar estas necessidades que este estudo pretende estudar o processo de mediação como ferramenta de desconstrução das narrativas homogêneas no intuito de criar novos espaços de apropriação da informação por meio de textos literários de autoria feminina que desenvolvem discursos críticos acerca do feminismo. Diante do exposto e da grande diversidade de textos trabalhados dentro do contexto acadêmico de estudos no âmbito da pós-graduação sobre Crítica literária feminista e escrita de mulheres, optou-se por realizar uma análise do conto *I Love my husband*, de Nélide Piñón (2016) em conjunto com o curta-metragem *A mulher que eu era*, dirigido por Karen Suzane. A análise dos textos se constrói no possível diálogo estabelecido entre o conto (texto escrito) e o curta-metragem (vídeo). O diálogo permite abordar as mesmas questões, possibilitando uma ação mediadora entre os textos de modo que a apropriação da informação aconteça além das construções realizadas por códigos linguísticos representados pela estrutura de um texto literário escrito. Desse modo, a resignificação acontece com base no subjetivo, nas imagens, nas cenas, nas interpretações das situações. Em suma, o diálogo entre os textos possibilita um processo de mediação entre o escrito e o visual, entre as palavras e as ações, entre o texto e as cenas.

Todo esse processo de construção de informação de modo crítico exige um processo de mediação capaz de orientar essas novas construções de modo reflexivo. Tal tarefa representa algo complexo, pois requer a compreensão do texto além de um artefato linguístico, ou seja, o texto representa uma construção de diálogos além das palavras e muito próximos das experiências e visão de mundo daquele que se permite dialogar com o texto e com suas possibilidades de resignificar a realidade.

Diante do exposto, buscou-se refletir sobre o processo de apropriação da informação e a construção de novos discursos que trazem a questão do gênero e da atuação da mulher. Para tanto, realizou-se uma relação entre os discursos apresentados pelas personagens dos textos, fazendo um paralelo com as relações sociais construídas no cotidiano e representadas, fortemente, pelo silenciamento da mulher.

Partindo da hipótese de que a literatura brasileira produzida por mulheres ainda é um campo embrionário que precisa ser explorado e disseminado não apenas no âmbito científico e literário, mas também nas práticas culturais do dia a dia da população, este trabalho destaca a mulher como protagonista de sua própria história dentro do campo literário e traz a necessidade de compreender como essa representação pode contribuir para resignificar a atuação do feminino e criar novos

espaços para discutir questões de gênero e protagonismo social mediante a ideia de que a mulher se constrói a partir do discurso do outro e, portanto, seu silenciamento está relacionado ao sentimento de inadequação daquilo que o outro diz que ela tem que ser.

Antes de ser uma mulher baseada na questão biológica do sexo, a mulher é um ser social que se constrói todos os dias por meio das relações de subjetividade que acontecem no social e, portanto, não pode ser limitada a uma simples oposição de sexo representada por homem e mulher. É preciso considerar que

[...] um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vês de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido (LAURETIS, 1994, p.207).

A partir dessa perspectiva de gênero se apresenta a apropriação da informação como um processo que possibilita ressignificar construções e informações naturalizadas, muitas vezes, de modo inconsciente, ao longo do tempo, acerca daquilo que a mulher representa, seus papéis e modos de agir. Lauretis (1994, p. 227) salienta que: “[...] para pensar o gênero (homens e mulheres) de outra forma e para (re)construí-lo em termos outros que aqueles ditados pelo contrato patriarcal precisamos nos afastar do referencial androcêntrico [...]” Partindo da ideia proposta, esse trabalho apresenta o processo de mediação como ação crítica que possibilite diálogos entre diferentes tipos de textos e promova novas formas de apropriação e construção de discursos diferentes do pensamento patriarcal tão estabelecido e naturalizado inconscientemente.

Importante ressaltar que a leitura de diferentes tipos de textos representa uma construção subjetiva que compreende não somente a informação como materialidade física, que pode ser representada por uma informação registrada, construída por palavras e representada por textos, mas também a informação como uma construção subjetiva que se materializa no discurso interior do sujeito.

2 APROPRIAÇÃO E MATERIALIDADE NÃO-FÍSICA DA INFORMAÇÃO

A existência da informação não está limitada à sua fisicalidade e pode, portanto, ser compreendida com base na ideia do signo dialético de Bakhtin. Para o autor, tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia. Segundo Bakhtin (2014 p.31, grifo do autor) “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo”. E continua: “Um corpo físico vale por si próprio: não significa

nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia” (BAKHTIN, 2014, p.31).

Compreender o processo de apropriação exige uma visão de informação como o resultado de um processo intersubjetivo que acontece na relação com o outro e consigo mesmo, responsável por uma materialização que não está limitada à materialização física e que pode acontecer na relação dentro de um discurso interior. Para Bakhtin “A palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa” (BAKHTIN, 2014, p.37).

Afirma-se, então, que o discurso interior abordado por Bakhtin nem sempre precisa ser concretizado por meio de uma expressão exterior. Do mesmo modo a materialidade nem sempre é representada por meio de uma fisicalidade. Daí a importância de compreender o discurso interior. Bakhtin (2014, p.38) afirma que “Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior”. A partir dos fenômenos ideológicos de Bakhtin, surge a necessidade e o uso do termo manifestações informacionais. Borges esclarece:

O uso do termo “manifestações informacionais” é uma criação para o campo da CI para fazer referência ao que Bakhtin chama de fenômenos ideológicos. A necessidade de usar o termo manifestação informacional surgiu no sentido de representar aquilo que recebe a encarnação material do signo, ainda que esta encarnação material não seja representada fisicamente. Em outras palavras, toda manifestação informacional possui um valor semiótico, um significado, uma apropriação, mas nem toda apropriação precisa ser materializada por meio de uma expressão física; ela pode ficar alojada no discurso interior, na consciência (BORGES, 2018, p.100).

Seguindo esta linha de raciocínio, toda palavra, sendo a materialização de códigos linguísticos (um corpo físico), necessita ser convertida em signo para transformar-se em informação. Antes disso, a palavra ou um símbolo, ou qualquer manifestação linguística ou informacional, não pode ser considerada informação. Bakhtin destaca que “[...] todo corpo físico pode ser percebido como símbolo [...]”, também salienta que

[...] toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade (BAKHTIN, 2014, p.31.)

Com base na citação de Bakhtin, cabe levantar questionamentos acerca do processo de interpretação, pois, refletir e refratar são ações que envolvem a construção de significados por meio de realidades diferentes e manifestações informacionais de

materialidade física e também não-física. A exemplo da materialidade não-física, pode-se destacar todo significado construído e alojado no discurso interior de um indivíduo sem que seja necessária a sua exteriorização por meio de algum tipo de materialidade. Esta problemática é ponto de reflexão para discutir as ações naturalizadas, o silenciamento das mulheres e a representatividade de seus papéis na sociedade.

Trazer à tona os estudos de sistemas de signos não-verbais para compreender o processo de apropriação da informação possibilita a criação de novos espaços de desconstrução e reconstrução. Aceitar que a mesma manifestação informacional (um quadro, um livro, uma obra, um sentimento, um gesto, um olhar, etc.) possa ser construída por elementos diversos, de materialidades diferentes e com significações que podem variar de acordo com a experiência individual implica na compreensão linguística que relaciona a parte e o todo, ou seja, falar da atuação da mulher exige falar da atuação social como um todo. Desse modo, é necessário compreender a informação como um processo em construção. Nas palavras de Almeida Júnior a informação não existe *a priori*, por isso, o autor afirma que ela é “[...] uma quase-informação. Preferimos chamá-la de proto-informação, uma vez que ela não é, ainda, uma informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p.98). Partindo dessa ideia de quase-informação, esta pesquisa se direciona para o conceito de informação como um processo em constante construção, possibilitando diferentes formas de apropriação e promovendo a criação de novos espaços para diferentes discursos.

Bakhtin (2014, p.34) salienta que “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos”. Falar em consciência é compreender sua relação com o signo: “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis [...] Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada” (BAKHTIN, 2014, p.36).

Ao abordar a questão da produção das ideias, é inevitável falar sobre a construção dos significados, ou seja, da informação. É nesse ponto que a ideologia entra como parte atuante para compreender o processo de apropriação. Para Thompson (1998, p.16):

[...] o estudo da ideologia exige que investiguemos as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até às imagens e aos textos complexos. Ele exige que investiguemos os contextos sociais dentro dos quais essas formas simbólicas são empregadas e articuladas. Ele requer que perguntemos se – e, se este for o caso, como – o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas em contextos específicos, para

estabelecer e sustentar relações de dominação. A distintividade do estudo da ideologia está na última questão: ele exige que perguntemos se o sentido, construído e usado pelas formas simbólicas, serve ou não para manter relações de poder sistematicamente assimétricas.

Com base nas reflexões supracitadas, salienta-se a necessidade de estudar as formas simbólicas e suas apropriações em diferentes contextos sociais, por meio de diferentes sistemas de símbolos (verbais e não-verbais).

Ao considerar a informação um signo ideológico, compreende-se que o texto cuja estrutura é elaborada por meio de informações, é um todo ideológico. Consequentemente, pode-se dizer que a obra traz em sua construção sgnica valores históricos e sociais. Diante dessa perspectiva, faz-se necessário compreender que o sentido é da ordem das formações discursivas, que, por sua vez, materializam formações ideológicas que são da ordem da história, o que faz do texto uma estrutura formada por estruturas textuais internas e estruturas significativas externas relacionadas a fatores extratextuais. Para Barros, é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido (2003, p.83). Sendo assim, pode-se dizer que as relações entre o texto e o contexto de produção e de recepção são elementos que se misturam no processo de mediação e construção significativa para aquele que lê. Cada leitura depende do conhecimento e da visão de mundo que se tem de determinado assunto. Partindo desse viés, compreende-se que essa forma de receber e dialogar com o texto é responsável pela ressignificação que se atribui aos fatos apresentados em uma obra literária, seja por meio de um texto escrito ou de um vídeo.

A construção dos significados por meio do diálogo entre os textos nos permite compreender que as produções no âmbito literário feminista possibilitam que a mulher se faça ouvir por meio de diferentes vozes, diferentes situações, diferentes raças, diferentes atuações, diferentes sentimentos que, apesar de tantas diferenças, se entrecruzam na voz do feminino, a voz que não quer ser lembrada como vítima, mas como militante e dona de suas escolhas.

Pretende-se, com esse trabalho, promover uma apropriação da informação que antes de ser iniciada, busque por ações mediadoras que contribuam para entender as entrelinhas daquilo que foi dito ou representado pelas personagens. A partir da percepção daquilo que não está narrado, mas está presente no silenciar da personagem, por meio das palavras não escritas ou dos pensamentos lançados e misturados a fatos, é

possível reconstruir e ressignificar, construir novas apropriações sobre a construção da mulher, não como sexo, mas como um todo social.

É evidente que o futuro resultado da análise representará somente uma das diversas hipóteses que podem e devem surgir sempre e quando o sujeito dialoga com o texto, ou seja, como destaca Barthes “[...] não lemos tudo com a mesma intensidade de leitura; um ritmo se estabelece, desenvolvimento, pouco respeitoso em relação à integridade do texto; a própria avidez do conhecimento nos leva a sobrevoar ou a passar por cima de certas passagens [...]” (1987, p.17). Se assim se dá o processo de leitura, não será diferente o processo de apropriação e análise literária. Considerando o exposto, convém destacar que “A mesma palavra ou o mesmo enunciado podem ter sentidos diferentes, se pertencerem a formações discursivas diferentes” (POSSENTI, 2007, p.361). É por este e outros embasamentos teóricos que este trabalho representa a necessidade de ampliar os estudos da leitura, interpretação e apropriação da informação dentro do âmbito acadêmico cujo enfoque está no desenvolvimento de pesquisas que voltam seus esforços para ressignificar o feminino e representar a voz da mulher na produção literária escrita por meio das experiências delas, pela sobrevivência, resistência e memórias que não podem ser contadas com a mesma intensidade ao se fazer uso de uma perspectiva produzida por visões e narrações que são construídas por sujeitos que fazem parte do universo masculino.

O conceito de apropriação é muito abrangente, por isso, esta pesquisa delimita seu uso no sentido de interpretar por meio de ações críticas e reflexivas. Guaraldo (2014, p. 2019) salienta que “A apropriação da informação é um sair de si e buscar o outro, mas de modo discursivo, pois não se apropria do objeto tal como é, e sim de um conceito elaborado pelo pensamento”. O processo de apropriação é uma reconstrução de significados que possibilita ao sujeito uma conexão com memórias e momentos vivenciados anteriormente, possibilitando reconstruções e ressignificações por meio de interações entre sujeitos e mundos diferentes. Orlandi ao discorrer sobre o acesso ao conhecimento, destaca um aspecto importante da apropriação: “[...] não é o acesso ao instrumento em si que muda as relações sociais, mas o modo de sua apropriação, no qual estão atestadas as marcas de quem se apropria dele” (ORLANDI, 2008, p.36-37).

Ao realizar o diálogo entre os textos constitutivos desse estudo, consideram-se as relações entre os sujeitos, as situações dentro de fatos históricos que fazem parte da construção identitária da mulher. É por meio dessa leitura dialógica e crítica que se dá a construção dos significados. Dito de outro modo:

[...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação. No momento em que se realiza o processo da leitura, se configura o espaço da discursividade em que se instaura um modo de significação específico (ORLANDI, 2008, p.38).

Considerando o processo de leitura com base na análise do discurso, entende-se que a apreensão das informações, ou seja, dos sentidos de um texto se realiza por meio de um processo ideológico que abarca a característica dialógica da linguagem dentro do social. Bakhtin (2014, p.36), ao relacionar a dinâmica da palavra no uso social afirma que “A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”. Desse modo, é preciso trazer à tona a relação entre palavra e signo para compreender a neutralidade da palavra:

O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 2014, p.37).

Com base nas questões apresentadas, é preciso destacar que a análise dos episódios narrados pela autora produzirá efeitos diversos e sempre estará aberta a novas interpretações, pois, considera-se que as informações ali apresentadas são construções que se apresentam por meio de palavras utilizadas para a construção do texto, porém essas palavras, segundo a teoria do signo defendida por Bakhtin, estão prestes a serem preenchidas por funções ideológicas que variam de acordo com as relações entre os sujeitos, o tempo e o contexto.

Com base no exposto, partirá do conceito de informação como signo ideológico para a compreensão dos efeitos de sentidos criados pelas escolhas lexicais e pelo modo de estruturação dos episódios.

Compreende-se, então, que os sentidos não estão nas palavras, em si mesmas (em sua relação transparente com o significante), mas são determinados por posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas e reproduzidas por sujeitos situados em diferentes lugares. E como os sentidos são produzidos em um texto? Ao falar sobre o processo de leitura, Orlandi (2008) apresenta três abordagens de leitura: linguística, pedagógica e social. No tocante à questão linguística, destaca que a leitura pode ser compreendida desde um ponto de vista reducionista que a compreende como um processo de decodificação, ou seja, uma perspectiva oposta à análise do discurso. Sobre a discussão exposta, a autora salienta que:

A visão oposta a essa forma de reducionismo não vê na leitura do texto apenas a decodificação, a apreensão de um sentido (informação) que já

está dado nele. Não encara o texto apenas como produto, mas procura observar o processo de sua produção e, logo, da sua significação. Correspondentemente, considera que o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentidos ao texto. Ou seja: considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção (ORLANDI, 2008, p.37-38).

O sentido é metáfora, é ausência ou repetição, pode ser construído e representado por uma palavra, expressão ou proposição que pode ser substituída por outra, ou seja, “[...] os sentidos não se esgotam no imediato. Tanto é assim que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores” (ORLANDI, 2008, p. 50). Assim, para a Análise do Discurso uma mesma materialidade discursiva pode desencadear diferentes efeitos de sentidos dependendo das diferentes formações discursivas (FD) em que foi produzida.

Na mesma linha de raciocínio, Borges (2016, p.15) afirma que “[...] não podemos manter um texto sob controle; a cada contexto e novas leituras surge um novo texto com vida própria e incontrolável diante do mundo da linguagem e da interpretação de significados”. As condições de produção de um discurso compreendem, além dos sujeitos e da situação, a memória que é o elemento constitutivo do discurso. Envolvem, também, as circunstâncias da enunciação, é o contexto imediato, e no sentido amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2008).

O campo discursivo é algo muito amplo de se trabalhar no âmbito da leitura e interpretação na atual realidade da pós-modernidade. Angermuller (2018) afirma que no campo discursivo existem lutas discursivas sobre o sentido e também sobre o que é a verdade. O autor acredita que a Análise do Discurso desempenha um papel fundamental na era da Pós-Verdade, ao entender que “todas as verdades estão emaranhadas em dinâmicas sociais e lutas políticas como resultado de que nem tudo é aceito como conhecimento igualmente verdadeiro e valioso” (ANGERMULLER, 2018, p. 41). Interpretar as construções e possibilidades de significados que um texto pode oferecer representa um desafio sem limites, pois, a interpretação é um processo que nunca se finda, é um processo aberto a ganhar novas construções de sentidos dependendo das relações estabelecidas entre seus leitores.

3 MEDIAÇÃO E DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS

O curta-metragem "A mulher que eu era", dirigido por Karen Suzane representa a vida de Cacau, uma mulher negra casada com um homem branco que enterra seus sonhos para viver de acordo com as vontades de seu marido. Suas lembranças e seus

sonhos ficam no passado, suas memórias lidam com momentos de opressão que representam a realidade de uma sociedade patriarcal onde a mulher existe para servir o marido e sonhar os sonhos dele.

Não existe o sonho da mulher, suas vontades são enterradas a partir do momento em que ela se casa e, a partir de então, ela deverá viver para a construção dos sonhos de seu marido. O mesmo contexto aparece no conto *I Love my husband*, de Nélide Piñón (2016) quando se lê: “E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar”. A mulher não existe, ela é apenas sombra. Ela nem ao menos compreende o sentimento nutrido por ele, todos dizem que ela o ama, não existe a afirmação em primeira pessoa: [...] do homem que eu amo.

Nota-se que ambas as mulheres são afetadas pelo silenciamento e aceitação exterior, ainda que não exista o mesmo sentimento de aceitação no seu interior. Elas estão fadadas a reproduzirem uma estrutura socioeconômica cujo domínio social é representado pelo masculino. Diante dessa perspectiva, Lauretis (1994, p.211) expõe que “Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade”.

O domínio do homem está representado em várias construções do texto, representado diversos efeitos de sentido que trazem à tona essa dominação e o papel de subalternidade da mulher que deixam seus sonhos no passado e na infância. A vida da mulher casada é representada pela morte, pela entrega de seus sonhos que são enterrados, pelo seu coração que é servido ao marido, como um banquete. O coração pulsa, ele está vivo, mas a mulher está morta, está sangrando e já não possui mais o que poderia te fazer pulsar. Todas suas vontades e desejos, que poderiam ser representados pela pulsação do coração, são consumidos pelo homem, em um banquete que é servido pela própria mulher. É ela que serve o coração, ele não é retirado pelas mãos do homem. As expressões faciais representam a dor e o silenciamento, a subalternidade. Ações inconcebíveis são representadas do modo mais trivial possível: um coração é consumido naturalmente no momento da refeição. Nas palavras de Lauretis (1994, p.212): “[...] a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através das diferentes culturas (embora cada qual do seu modo) são entendidas como sendo ‘sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social’.

Essa desigualdade é representada de diferentes modos. Diferentemente da representação visual do coração que é servido em um banquete, no caso do conto, a dor

é construída por meio de palavras: “Então o homem, além de me haver naufragado no passado [...]” O trecho do conto não representa um coração servido na bandeja, nem mesmo uma pá enterrando os sonhos. Independentemente dos elementos usados para a construção e representação da dor, os efeitos de sentido remetem ao mesmo sentimento de indignação, necessidade de mudanças e quebra de paradigmas, trazendo reflexões que possibilitam novas apropriações para realizar diferentes construções sobre o mesmo sentimento de não aceitação das condições vividas pelas personagens.

No final do curta-metragem, aparecem reflexões sobre algumas inquietações, por exemplo, a necessidade de realizar os sonhos surgidos na infância. Surge uma nova apropriação de ações que sai da ideia da mulher idealizada pelo patriarcado e surge a mulher dona de si, rompendo com os paradigmas impostos pela sociedade, surge o empoderamento e o protagonismo social de uma mulher que rompe com os padrões estabelecidos e vividos pela grande maioria das mulheres e decide tomar as rédeas de sua própria vida, o que pode ser compreendido pela cena final em que ela dirige um carro, sozinha, ou seja, dirige sua própria vida.

Para melhor compreensão e possibilidades de criar diferentes apropriações por meio do diálogo entre os textos, apresenta-se um quadro com algumas construções linguísticas do conto *I Love my husband* e possibilidades de construções de significados (apropriações) que podem ser dialogadas com as cenas do vídeo:

Quadro 1 – Construções linguísticas e possibilidades de apropriação

COSNTRUÇÕES LINGUÍSTICAS	CONSTRUÇÕES DE SIGNIFICADOS
Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição	A mulher se sente aflita por não realizar algo que esteja de acordo com o gosto de seu marido
Depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta	A mulher vive para cuidar do marido
A mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes	A mulher enterra os seus sonhos para viver os sonhos do marido, é ele quem sonha com a casa grande
E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar.	A mulher não existe, seus sonhos não existem, ela é apenas uma sombra
Eu peço então que compreenda minha nostalgia por uma terra antigamente trabalhada pela mulher,	A mulher não possui perspectiva de um futuro sonhado por ela, por isso vive de seus sonhos que ficaram no passado, antes de se tornar a sombra de seu marido
E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado [...]	A mulher não possui perspectiva de um futuro sonhado por ela, por isso vive de seus sonhos que ficaram no passado, antes de se tornar a sombra de seu marido.
E mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela.	A mulher não existe de modo independente, sua existência está atrelada ao fato de pertencer ao seu marido, sem ele ela não é nada, nem mesmo dela.
Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso,	A mulher não possui perspectiva de um futuro sonhado por ela, por isso vive de seus sonhos que ficaram no passado, antes de se tornar a sombra de seu marido.

Como quer que eu fale de amor quando se discutem as alternativas econômicas de um país em que os homens para sustentarem as mulheres precisam desdobrar um trabalho de escravo.	A mulher é considerada incapaz, sua existência está vinculada ao esforço e cuidado do homem.
Falei na palavra futuro com cautela, não queria feri-lo,	A mulher não possui perspectiva de um futuro sonhado por ela, por isso vive de seus sonhos que ficaram no passado, antes de se tornar a sombra de seu marido.
Sem o meu empenho, jamais ele teria sonhado tão alto.	A mulher não foi feita para sonhar, seu papel está vinculado aos sonhos de seu marido. Ela deve estar ao seu lado para construir os sonhos dele.
Cada sonho do meu marido era mantido por mim.	A mulher não foi feita para sonhar, seu papel está vinculado aos sonhos de seu marido. Ela deve estar ao seu lado para construir os sonhos dele.
Só envelhece quem vive, disse o pai no dia do meu casamento. E porque viverás a vida do teu marido, nós te garantimos, através deste ato, que serás jovem para sempre.	A mulher não tem vida própria. Sua existência surge a partir da sua condição de mulher de um marido, ou seja, a partir do casamento ela se torna mulher, antes disso, ela não era mulher. Desse modo, ela lhe deve uma gratidão eterna por torná-la mulher.
E todo este troféu logo na noite em que ia converter-me em mulher.	A partir do casamento ela se torna mulher, antes disso, ela não era mulher.
Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, unido seu sexo pelo homem.	A partir do casamento ela se torna mulher, antes disso, ela não era mulher.
Meu coração ardia na noite do casamento. Eu ansiava pelo corpo novo que me haviam prometido, abandonar a casca que me revestira no cotidiano acomodado. As mãos do marido me modelariam até os meus últimos dias e como agradecer-lhe tal generosidade?	A mulher não tem vida própria. Sua existência surge a partir da sua condição de mulher de um marido, ou seja, a partir do casamento ela se torna mulher, antes disso, ela não era mulher. Desse modo, ela lhe deve uma gratidão eterna por torná-la mulher.
Não preciso interpretar os fatos, incorrer em erros, apelar para as palavras inquietantes que terminam por amordaçar a liberdade. As palavras do homem são aquelas de que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento.	A mulher não precisa pensar, bastam os pensamentos de seu marido, eles são os pensamentos adequados. Ela não precisa fazer esse esforço, seu marido o faz por ela e para ela.
Assim fui aprendendo que a minha consciência que está a serviço da minha felicidade ao mesmo tempo está a serviço do meu marido.	A consciência da mulher está a serviço de eu marido e seu marido é sua felicidade, desse modo, não há necessidade de questionar essa ação, na verdade, é para sua felicidade.
Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu, mergulho numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua, um corpo que sugasse a vida sem medo e pudor.	Quando a mulher tem pensamentos que saem da linha de raciocínio de pertencer ao marido, de realizar os sonhos de seu marido, de ser parte da vida de seu marido, enfim, de não existir por si só, ela se sente uma estranha e, portanto, sente a necessidade de voltar para quem ela é, para sua pátria, sua casa.
Estes meus atos de pássaro são bem indignos, feririam a honra do meu marido.	A construção da mulher dentro de uma perspectiva que não depende do marido como seu produtor traz a idéia de atos indignos, errados e, por isso, a mulher não pode pensar diferentemente do que foi programada para pensar, ela não pode voar, não pode se libertar.
Ele parece perdoar-me à distância, aplaude minha submissão ao cotidiano feliz, que nos obriga a prosperar a cada ano. Confesso que esta ânsia me envergonha, não sei como abrandá-la. Não a menciono senão para mim mesma	Os pensamentos por tal liberdade representam atos que envergonham a mulher que não pode pensar em se construir por si própria. Sua construção identitária está vinculada à família, ao lar, ao marido. Tudo fora desta perspectiva não é bem visto por ela mesma.
Nunca mencionei ao marido estes galopes	A vergonha de possuir pensamentos diferentes dos

perigosos e breves. Ele não suportaria o peso dessa confissão. Ou que lhe dissesse que nessas tardes penso em trabalhar fora, pagar as miudezas com meu próprio dinheiro.	quais a mulher foi educada para ter não impede que eles existam. Existiram em seus sonhos do passado e continuam a existir em seu interior, ainda que não sejam expressados explicitamente.
Sou grata pelo esforço que faz em amar-me. Empenho-me em agradá-lo, ainda que sem vontade às vezes, ou me perturbe algum rosto estranho, que não é o dele, de um desconhecido sim, cuja imagem nunca mais quero rever.	As vontades e sonhos da mulher continuam a existir, mas ela precisa matar um pedaço desses sonhos a cada dia para que eles não ganhem força. Sair do pensamento e ganhar asas para voar é uma ação perigosa que perturbará, envergonhará, fará a mulher sair da zona de conforto e pagar um preço que, às vezes, ela não está disposta a pagar, por falta de coragem, por acomodação, por vergonha, enfim, por diversos motivos, o silenciamento vai perpetuando e cortando os atos de pássaros.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após a construção dos significados presentes no conto de Nélida Piñón, é possível encontrar as mesmas questões apresentadas pelo quadro elaborado no curta-metragem *A mulher que eu era*. Observa-se que o início do curta começa pela apresentação de cenas da vida rotineira entre marido e mulher, mostrando de modo muito nítido as diferenças entre as tarefas realizadas por ambos, cabendo a mulher as ações domésticas e de obediência para o bem estar de seu lar e de seu marido, ou seja, “[...] é possível perceber claramente como opera a ideologia do gênero: o ‘lugar da mulher’, i.e., a posição atribuída à mulher por nosso sistema de sexo-gênero [...]” (LAURETIS, 1994, p.216).

A face da mulher sempre triste, abatida, sem felicidade, demonstra uma apatia ao realizar as tarefas do lar: limpar, retirar o pó dos móveis, organizar a casa e ordenar os objetos do marido. Tudo se realiza em função da organização do lar. É importante salientar que “Os homens e as mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas – esse é um ponto importante – as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos” (LAURETIS, 1994, p.215).

Em relação à vestimenta da mulher, ela usa um turbante na cabeça, o que pode ser compreendido como um tipo de prisão, o cabelo preso e ordenado como a casa, o cabelo escondido, os segredos e os desejos que ficaram no passado. A decisão de mudança começa pelo olhar no espelho, a tentativa de se reconhecer, de desvendar os seus segredos, desenterrar os seus sonhos, libertando seu cabelo. A retirada do turbante em conjunto com a nudez da mulher podem ser ações relacionadas à liberdade. A mulher entra na banheira sozinha, nua e dona de si. Nesse momento, ela mergulha por inteira, como se ela estivesse entrando para dentro de si mesma, tentando reencontrar algo que perdeu, tentando reencontrar-se ou, de outro modo, tentando matar-se para renascer. Após o mergulho, que mais parece um ato de afogamento, são reproduzidas as cenas de outro momento da história, o início do casamento.

Vale destacar que o fato do curta não começar pelo casamento em si, mas pela transformação da mulher, nos faz repensar sobre a importância que se dá aos fatos. Em outras palavras, o foco não está no casamento, mas na transformação, na morte e renascimento da mulher. O afogamento da mulher representa o afogamento de sua condição de subalternidade e opressão. As cenas do casamento atuam como memórias para que o leitor compreenda o início do curta, representado pelo afogamento e o seu final, representado pelo surgimento de uma nova mulher, representada por novas vestimentas, nova feição, novos sonhos, desejos e atitude. A mulher aparece sozinha e sai dirigindo um carro, ligando o som, ouvindo uma música, sorrindo e sentindo o vento bater no seu rosto. O modelo de carro conversível escolhido para a cena traz a ideia de liberdade, sem janelas. A mulher conquista sua liberdade, como os pássaros que voam no ar, a nova mulher voa na direção de seu carro, livre como o vento.

Tomando como base os elementos utilizados para a construção da personagem, observa-se uma transformação pela troca do turbante utilizado no início, pela echarpe amarela utilizada na cena final. O turbante é preso e de formato fixo, a echarpe é leve e solta, representando a liberdade de seguir sozinha. Embora haja uma diferença de elementos, cabe notar que o cabelo ainda fica escondido, talvez uma representação de seus sonhos que ainda não conseguiram ser desenterrados.

Nota-se que ainda existe a dificuldade de sair do passado e começar um futuro sem as amarras daquilo que a prendeu durante tanto tempo. A partir dessa perspectiva, pode-se pensar na dificuldade de construir novas apropriações, criar novos espaços para o novo pensamento libertador. O passado representa um peso muito grande que ainda está presente de algum modo, seja por um gesto, por uma roupa, por um pensamento ou modo de agir, por alguma palavra dita ou silenciada.

O final do curta representado pela ação de dirigir nos remete a uma cena relacionada às memórias da personagem: na noite de seu casamento, quando antes de se entregar ao seu marido, ela recebe uma pá para enterrar seus sonhos e tudo que, a partir de então, deveria ficar no passado. Um de seus grandes desejos é representado pela personagem quando ela diz que queria ser motorista de caminhão. Ela pega um carrinho de brinquedo dentro de seu baú de recordações, o observa com carinho e, posteriormente, o coloca juntamente com todas suas recordações que serão enterradas. Nesse momento, muitas vozes de mulheres aparecem dizendo: eu queria ser engenheira, eu queria ser motorista, eu queria ser.... O verbo no futuro do pretérito indica a impossibilidade de se cumprir a ação. Dizer “queria” representa o passado e a não

realização, a negação do futuro. Nenhuma voz utiliza o presente do indicativo, ou seja, não se diz “eu quero”, no lugar disso se diz “eu queria”.

Outro ponto que merece destaque é o momento do casamento, quando a personagem está próxima à mesa do bolo, e outras duas mulheres se aproximam dela de modo a confortá-la e, ao mesmo tempo, parabenizá-la pela escolha feita. Quando uma delas tenta dizer algo que não segue a linha de raciocínio de casamento como uma escolha boa, a outra mulher, imediatamente a impede de prosseguir, corta sua fala e reforça dizendo que a escolha pelo casamento é a correta, que o marido irá ajudá-la no que for preciso. Desse modo, a personagem dá um sorriso sem graça, segue para a mesa para servir seu marido, entregando-lhe um prato de bolo. A mesa está composta por casais e todas as mulheres estão vestidas do mesmo modo, com turbantes na cabeça, representando uma padronização e seguimento de uma norma que é aceita e realizada por todas.

4 APROPRIAÇÃO E POSSIBILIDADES DE NOVOS ESPAÇOS DISCURSIVOS

As relações e diálogos entre os textos levantam algumas discussões sobre o que significa um texto, sua construção, seus significados, seu autor, seu leitor. Borges (2016, p.17) salienta que:

Devemos compreender o que um texto significa, pois o que é dito ou escrito revela não somente sobre o objeto em si, mas também revela quem o produz. O processo informativo depende de fatores externos para que seja gerada a apropriação, ou seja, depende de um discurso competente que está atrelado ao sujeito e ao contexto social. Ler a mesma informação em suportes diferentes pode produzir sentidos diferentes. A mesma informação dita por sujeitos diferentes causa impressões adversas, pois ela não é construída por si só. Seu valor, positivo ou negativo, depende de quem, de onde e de como ela é mediada. O outro está tão presente na nossa interpretação de mundo que aquilo que nos parece individual, na verdade é reflexo de uma ação coletiva. Em outras palavras, a informação que procuramos, encontramos ou esbarramos sem querer é mediada dentro de um contexto social e coletivo.

Diante do cenário, nota-se que a apropriação da informação representa construções sociais que se constroem individualmente, mas atuam no coletivo e no social, nos interesses políticos e econômicos. Contudo, o leitor possui a liberdade de construir apropriações de acordo com seus conhecimentos, por isso a importância do papel da mediação que promove reflexões e atuação crítica. Apesar da liberdade de pensamento, se o sujeito não possuir uma capacidade de sair do pensamento homogêneo de uma sociedade patriarcal, ainda que ele tenha a liberdade de construção e novas apropriações, ele não terá condições de desconstruir as informações

naturalizadas, será muito difícil romper paradigmas estabelecidos historicamente para construir novas formas de ver o mundo, de construir novos discursos de modo consciente.

Os valores da sociedade patriarcal estão tão presentes na vida cotidiana que as mulheres enterram seus sonhos de modo tão naturalizado como se fosse o certo a ser feito. Os valores e posicionamentos machistas aparecem de modo naturalizado, de modo que sua apropriação seja realizada, frequentemente, de modo inconsciente. As atitudes machistas também aparecem, com certa frequência, por meio de expressões produzidas pelas próprias mulheres, suas ações de naturalização podem ser compreendidas não somente pelo silenciamento, mas também por atitudes de aceitação e negação de seus próprios desejos e sonhos. Viver o sonho do marido é o certo para a manutenção de uma família equilibrada e feliz. Pensamentos desse tipo contribuem fortemente para a construção de informações que promovem a manutenção dos interesses da ordem social dominante. Por isso, a grande importância do papel da mediação para a construção de leitores que consigam sair desse processo de naturalização e normalidade que os discursos homogêneos criam na grande parte da população. É preciso construir novos espaços e gerar novas apropriações além dos discursos dominantes. Mostrar novas possibilidades e diferentes caminhos de apropriação deve ser um dos deveres da mediação da informação de textos literários apresentados para discussões e reflexões, principalmente no âmbito acadêmico. Entretanto, as apropriações realizadas no âmbito acadêmico precisam ser disseminadas e compartilhadas em diversos contextos sociais, além dos muros de vidro das universidades e das elites intelectuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, esta pesquisa parte do pressuposto de que as formas simbólicas passam por um processo de tradução para durante o processo de apropriação. O indivíduo utiliza elementos verbais para compreender os elementos representados por meio de outros signos não-verbais presentes na materialização física de uma forma simbólica. O contrário também acontece, é possível utilizar signos não-verbais para expressar uma apropriação que se utilizou de elementos verbais.

Nesse sentido, parte-se de uma perspectiva processual que compreende o processo de apropriação algo que está sempre sujeito a um processo de construção, desconstrução e reconstrução da informação. Em outras palavras, a apropriação é um

processo contínuo em que o sujeito está sempre realizando diferentes apropriações, passando de um estágio para o outro, em um percurso sem fim.

A partir do diálogo entre os textos, espera-se demonstrar mecanismos que facilitem a compreensão dos diferentes sistemas linguísticos durante o processo de apropriação de formas simbólicas diversas. A mesma informação (signo ideológico) possui significados diferentes e produz ações diferentes porque são produzidos por relações entre sistemas de signos diversos, compostos por elementos verbais e não-verbais. Além disso, devem-se considerar as produções ideológicas em contextos históricos, sociais e culturais diferentes. Posto isso, compreende-se que as relações de poder não são fixas, mas variam segundo as compreensões, interpretações e reações que acontecem durante o processo de apropriação de diferentes formas simbólicas que representam uma informação.

Por fim, entende-se que o processo de apropriação da informação está atrelado ao processo de mediação. Quanto mais crítico e reflexivo o processo de mediação, mais além das construções linguísticas serão construídas as informações. Em suma, o processo de apropriação da informação não acontece somente por decodificação de códigos linguísticos, a construção de seus significados se produz por sujeitos sociais que possuem experiências e conhecimentos próprios que interferem na interpretação e construção de novas informações, ou seja, é preciso considerar que nenhuma informação é neutra, ela é composta por valores ideológicos que trazem consigo representações que podem ser reconstruídas, desconstruídas e renovadas a cada novo processo de apropriação.

REFERÊNCIAS

- A MULHER QUE EU ERA. Direção: Karen Suzane. Produção: Yasmin Guimarães. Primeiropiano.art.br, 2019, 12 min. Disponível em: <http://primeiropiano.art.br/2019/portfolio/a-mulher-que-eu-era/>. Acesso em: 12 abr. 2022
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.
- ANGERMULLER, J. A verdade na era da pós-verdade: por um panorama forte em estudos do discurso. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, Portugal, v.1, n.7, p.36-62, 2018.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARROS, D. L. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1987.

BORGES, E. V. E. **Apropriação da informação: os elementos, o processo e a materialização da informação**. 2018, 256p. Tese de doutorado em Ciência da Informação. Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

BORGES, E. V. E. O texto além das palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, Marília, v.10, n.3, p.15-24, 2016.

GUARALDO, T. S. B. Mediação e apropriação da informação nas cartas de leitores: práticas de informação e leitura do jornal Bom Dia de Bauru. **Informação & Informação**, v.19, n.2, p.215-240, maio/ago. 2014.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

PIÑON, N. I love my husband. **Letras de Hoje**, v. 50, n. 5, p.113-115, 18 fev. 2016.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23148>

Acesso em: 15 abr. 2022.

ORLANDI, E. L. P. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 353-392.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.